



O corpo colonizado e o governo por algoritmos

El cuerpo colonizado y el gobierno por algoritmos

Macarena Elzaurdia Diaz

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Brasil. Professora do Departamento de Educação Física e Práticas Corporais, Instituto Superior de Educação Física, Centro Universitário Regional Este. Universidade da República; Uruguai.

acaelzaurdia@gmail.com

Santiago Pich

Doutor em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Professor do Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED/CED/UFSC) e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC).

Fabio Zoboli

Pós doutor em Educação do Corpo pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). Universidade Federal de Sergipe (UFS). Brasil.

Técnica e produção do humano

A tradição filosófica ocidental tem no mito de Prometeu a alegoria fundante da técnica como algo inerente ao ser humano. O mito é antropocêntrico e nos mostra que quando o humano foi criado ele foi dotado de uma natureza inacabada, compensada pelo uso da técnica. Desta forma, o ser humano pode ser visto de dois modos: a) como ser superior diante dos demais seres e da própria natureza; b) um ser débil contendo indigências (enquanto organismo biológico e enquanto corpo político), precisando para sobreviver dominar a natureza. A soberania de ser a “espécie mais evoluída” o fez crer que os animais e as plantas lhe pertenciam. De igual modo, o “inacabamento”, próprio de sua natureza, exigiu que ele transformasse a natureza, ou seja, foi preciso agir sobre ela para dela se servir – ação essa que contempla o fazer técnico e o agir político.

Por isso, quando pensamos em técnica visualizamos ela como sendo de domínio exclusivamente humano e que tem relação intrínseca e direta com a concepção de déficit. O conceito de técnica, tradicionalmente dado por várias correntes epistêmicas, muitas vezes acabam tendo em comum a ideia de que o humano, na sua relação com o mundo, está preso a sua condição deficitária, em decorrência disso, por meio da técnica, busca um meio de compensação. Na gênese do fenômeno técnico é possível falar de limitações, mas não só a partir do binômio “déficit/compensação”, mas também no âmbito da “insatisfação/possibilidade”. Assim, pela técnica, o ser humano pode condicionar a si mesmo se potencializando frente aos déficits e insatisfações de sua condição corpórea.

O homem feito por Epimeteu é um homem com um corpo “vulnerável” e para compensar tal fragilidade seu irmão Prometeu lhe deu o fogo (a técnica) como parte de sua natureza. O fogo compensa a insuficiência dos órgãos corporais humanos na luta pela sobrevivência, assim Prometeu ao dar o fogo ao homem coloca na sua essência a técnica. Na superação das vulnerabilidades impostas pela sua natureza, o humano buscou potencializar suas capacidades e superar suas precariedades para além dessas condições através do uso da técnica. Desta forma, passou a manipular técnicas a fim de “intervir” na natureza em vista da satisfação de suas necessidades e de seus desejos mais antagônicos. No ato de “intervir e dominar a natureza” se inscreve tanto um fazer técnico, como um agir político – dimensão axiológica da técnica.

A técnica tradicional associada à ciência com seus métodos experimentais racionais e metódicos traz imbricada em si a tecnologia. No entanto, aqui é central compreender que tecnologia não é sinônimo de ciência, tal como também não o é da técnica - geralmente entendida como análoga ao saber-fazer eficiente sobre um objeto eficaz, materialmente produzido (que constituiria a tecnologia). Pelo contrário, a tecnologia pode ser entendida como “[...] o campo de conhecimento relativo ao desenho de artefatos e a planificação da sua realização, operação, ajustamento, manutenção e monitoramento, à luz de conhecimento científico” (Bunge, 1985, p. 231). Tanto a técnica como a tecnologia derivam do grego techné que se refere à capacidade de produzir um objeto/artefato por meios racionais. O artefato sugere algo artificial e denota algo produzido/heito com arte (arte-fato).

O projeto é a representação antecipada de um artefato com o auxílio de um conhecimento científico.

Técnica, modernidade, corpo e colonialismo

O tempo moderno é definido por ser um momento da história no qual é central “a fé no progresso técnico”. Diante dessa “fetichização da técnica” parece abrir-se um horizonte no qual o ocidente europeu acredita que, graças ao desenvolvimento científico-tecnológico, e à capacidade de domínio do mundo que lhe é correlata, chegará o dia em que todas as necessidades humanas serão supridas. Vale a pena lembrar que as metanarrativas modernas têm a escatologia cristã no seu horizonte, fazendo com que a história do mundo seja igualada à história da salvação, como sugere Lôwtih (2007). Importa lembrar que a metanarrativa marxista, por exemplo, está calcada na ideia de que o desenvolvimento técnico das forças produtivas é uma das condições de possibilidade para que o comunismo seja possível. A possibilidade de viver o reino da liberdade e minimizar a relação com o trabalho para atender as demandas do reino da necessidade, depende diretamente do domínio técnico do mundo.

É relevante dizer que o domínio técnico do mundo (o que não se equivale a dominar a técnica para poder intervir na natureza, como é o caso do que propomos no primeiro tópico) se equivale com os eventos que são os marcos da emergência da modernidade, em particular o desenvolvimento de técnicas de orientação, navegação e guerra que serão fundamentais para a colonização do território que hoje denominamos América, isto é, o colonialismo somente é possível pelo desenvolvimento da ideia de domínio técnico do mundo. Entendemos, seguindo a Césaire (2010) que o colonialismo parte da equação de que o melhor do mundo é o resultado da branquitude europeia, que torna equivalente os “pagãos” com “selvagens” que devem ser “cristianizados” e “civilizados”, tarefa histórica que “devem assumir” os colonizadores. Para consumir esse processo a supremacia técnica é fundamental.

Um alvo central do processo colonizador é o corpo, os colonizadores sempre souberam que a ocupação colonial não

se faz sem colonizar o corpo, isto é, a colonização não se faz sem corpo. Nessa direção, entendemos que o ocidente europeu produziu uma ficção, de fundamental importância para tal tarefa, qual seja a de uniformizar, formalizar e universalizar o corpo, primeiro em chave histórica cristã, e, posteriormente, em chave epistêmica da ciência moderna, da biomedicina. Nessa direção, valemos da leitura de Michel Foucault (2008) para quem o saber oficial sobre o corpo na modernidade é o saber que emerge da biomedicina, que normaliza os corpos dos indivíduos e das populações, em nome de uma verdade universal, neutra e necessária, porque escrita em chave de leitura científica.

Capitalismo de plataformas, colonialismo algorítmico y cuerpo

La comprensión de las actualizaciones en las formas de colonizar la vida precisan de la revisión de los cambios que advinieron junto a los quiebres presentados en primer lugar por la revolución industrial y posteriormente por la revolución digital. La primera produjo la novedad y necesidad de incorporar la máquina al cuerpo, implicando transformaciones en la ciudad donde necesariamente debía existir una sincronización de todos los aspectos de la vida al tiempo de trabajo. El apogeo del régimen industrial que se expresa en el capitalismo fordista de principios de siglo XX es sucedido por el vertiginoso cambio hacia el capitalismo financiero, caracterizado por la abstracción del valor de la mercancía, y su posterior virtualización.

Para que el valor de las mercancías pueda valorizarse infinitamente estas deben de hacerse cada vez más abstractas e impersonales al mismo tiempo que es ejercido un mayor dominio sobre la vida para así poder extraer de la misma cada vez más valor. Acompañando al extractivismo ampliado del cuerpo (Gago & Mezzadra, 2015; De Boni y Seré, 2024) se presenta una nueva materia prima; el dato, la cual reduce al trabajador y a su cuerpo a una nueva variable que ingresa dentro del actual capitalismo de plataformas. La posibilidad de extraer cada vez más datos de la vida humana amplía las fronteras y posibilidades de gobierno sobre los cuerpos.

El imperativo del upgrade tecnocientífico conlleva una intimación al reciclaje y a la actualización constante (Sibilia, 2005, p.102) implicando una maximización económico-subjetiva que al ingresar en el funcionamiento algorítmico reproduce una normatividad ahora muda (Rouvroy y Berns, 2015, p. 109) que caracteriza a la infraestructura digital (Cesarino, 2022). El colonialismo sobre los cuerpos presenta así una nueva fase aún más extractivista e impersonal que las predecesoras, siendo las Bigtechs las que producen, analizan y afectan la vida a partir de las nuevas formas de gobierno y vigilancia (Zuboff, 2018).

Desse modo, surge o que Rouvroy e Berns (2015, p. 42) denominaram de governabilidade algorítmica, “é um tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis”. O núcleo operativo de qualquer programa computacional é o algoritmo. O algoritmo é um conceito matemático que faz alusão a um conjunto finito de instruções, procede de uma equivalência entre o número e o signo que é símbolo.

Assim, o perfil pode ser considerado um processo de governabilidade algorítmica na medida em que possibilita a vigilância imanente através das redes. O perfil “es un conjunto de trazos que no concierne a un individuo específico, sino que expresa las relaciones entre individuos, siendo más interpersonal que intrapersonal” (Rodríguez, 2019, p. 357). O principal objetivo, sob o ponto de vista algorítmico, não é produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas sim, utilizar um conjunto de informações pessoais para atuar sobre os “similares”.

O corpo colonizado pelo algoritmo é um corpo que está constantemente plugado em um sistema de controle digital da vida (Pich; Stassun, 2019) e que tem como horizonte a produção de uma percepção de si totalmente mediada pelos aparatos da tecnovigilância, impossibilitando, assim, uma dobra sobre si, a partir do qual uma subjetividade produzida criativamente com os Outros corpos possa emergir.

Palavras-chave:

Corpo colonizado. Modernidade.
Algoritmo. Tecnologia.

relação? Revista Eco Pós, v. 18, n. 2, pp. 35-56, 2015. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662

Palabras clave:

Cuerpo colonizado. Modernidad.
Algoritmo. Tecnología

SIBILIA, P. El hombre postorgánico. Cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales. Ed. Fondo de cultura económica. Buenos Aires, 2005

Referências

BENASAYAG, M. La singularidad de lo vivo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

BUNGE, M. Seudociência e ideología. Madrid: Alianza, 1985.

CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Beatriz de Almeida Rodrigues. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2010.

CESARINO, L. O mundo do avesso: Verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DE BONI, I; SERÉ, C. 2024. Vivir en deuda. Explitación neoliberal y captura del tiempo. Bajo el Volcán. Revista del Posgrado de Sociología. BUAP, año 6, num. 10 digital. 2024

FOUCAULT, M. Nacimiento de la biopolítica. Curso no Collège de France (1978-1979). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2008.

GAGO, V.; MEZZADRA S. Para una crítica de las operaciones extractivas del capital. Patrón de acumulación y luchas sociales en el tiempo de la financiarización. Nueva sociedad, n. 255. SSN: 0251-3552. 2015.

LÖWITH, K. Historia del mundo y salvación: los presupuestos teológicos de la filosofía de la historia. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

RODRÍGUEZ, P. M. Las palabras en las cosas: saber, poder y subjetivación entre algoritmos e biomoléculas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2019.

ROUVROY, A.; BERNIS, T. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela

ZUBOFF, S. "Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação". Em: Fernanda Bruno, Bruno Cardoso, Marta Kanashiro e Luciana Guilhon (eds.). Tecnopolíticas de Vigilância: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, pp. 17-68. 2018.